

FÉ E RAZÃO NO PENSAMENTO DE KIERKEGAARD

FAITH AND REASON IN KIERKEGAARD'S PHILOSOPHY

Vinicius Xavier Hoste¹

RESUMO:

Este artigo se propõe a analisar o fenômeno da fé definido como absurdo a partir da obra *Temor e Tremor* do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard. Contudo, aqui, não se pretende traçar um determinado tipo de sentimento ou comportamento o qual fosse denominado fé, pelo contrário, o intuito é justamente sublinhar a incapacidade da razão ao tentar definir logicamente esse fenômeno. Assim, o texto não tem a mínima pretensão de colocar a fé no lugar da razão, se quer simplesmente demonstrar que a razão não é capaz de abarcar todas as coisas existentes, e que essas duas categorias pertencem a âmbitos distintos. Nesse sentido, o objetivo aqui seria o de entender porque Kierkegaard define a fé como o *absurdo*.

Palavras chaves: Kierkegaard. Fé. Razão. Absurdo.

ABSTRACT:

This article aims to analyze the phenomenon of faith defined as absurd in the Danish philosopher Søren Kierkegaard's book named *Fear and Trembling*. However, we don't intend try to explain a certain kind of feeling or behavior in which we could call faith, but by the contrary, our aim is precisely to emphasize the inability of reason of defining logically the faith. We want make it clear that our intention is not positioned in the way of putting faith in the place of reason, we simply want to show that reason is not able to comprehend all existing things, and we also want to show that these two categories of things belong to different spheres. By this way, our goal will be to understand why Kierkegaard defines faith as the *absurd*.

Keywords: Kierkegaard. Faith. Reason. Absurd.

E Deus quis provar Abraão e falou-lhe: 'toma o teu filho, o teu único filho, aquele que tu amas, Isaac; anda com ele ao país de Morijsa e, ali, oferta-o em holocausto sobre uma das montanhas que eu te indicarei'².

É com essa passagem bíblica de Gênesis 22 que Søren Kierkegaard (1813 – 1855) inicia a sua obra *Temor e Tremor* (1843). O que se pretende, a partir da leitura desta obra, não é um questionamento sobre a possibilidade do fato extraordinário, ou sobre a existência do milagre de Deus, já que isso fugiria do âmbito filosófico. Aquilo que importa é a compreensão da situação em que se encontrava Abraão enquanto indivíduo, da sua angústia, do seu sofrimento, das suas tribulações, ou seja, de tudo aquilo que o torna grande como homem e o faz ser reconhecido como o pai da fé cristã.

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: vini17hoste@gmail.com.

² Søren KIERKEGAARD, *Temor e Tremor*, p. 20.

A partir disso, não se tem como objetivo tentar traçar a um determinado tipo de sentimento que seria denominado fé, pelo contrário, o intento é justamente sublinhar o falimento da razão ao tentar definir logicamente a fé. Assim como em Kierkegaard, a proposta aqui apresentada pretende abordar a fé como um verdadeiro salto no *absurdo*, salto esse que não seria possível compreender, mas somente admirar.

1. O Abraão de Kierkegaard

Kierkegaard define Abraão como sendo o maior de todos os homens: “[...] grande pela energia cuja força é fraqueza, grande pelo saber cujo segredo é loucura, pela esperança, cuja forma é demência, pelo amor que se resume em ódio a si mesmo³”. Abraão é aquele que acreditou no absurdo, aquele que sofreu por isso, mas que em nenhum momento lamentou, pois tinha certeza de que era ele o escolhido de Deus. Esse homem combateu contra o tempo e ainda assim manteve a fé, mesmo depois de uma vida inteira de provações, depois de conseguir ser pai de modo miraculoso em sua velhice, depois de todos os obstáculos pelos quais passou em sua vida, ainda seria provado uma última vez: Deus queria tirar-lhe àquilo que de mais precioso tinha, queria que matasse o próprio filho em holocausto. E nesse momento é importante atentar ao comentário que filósofo esloveno Slavoj Zizek faz sobre Abraão:

É fundamental observar que, fora isso, Abraão não é de modo algum um tímido que só diz sim, mas um homem que não teme enfrentar Deus abertamente: ele se opõe com coragem ao plano de Deus de destruir os sodomitas, tenta convencer Deus a poupar os justos que podem ser mortos com os pecadores – então, por que obedece quando a vida de seu próprio filho está em jogo⁴?

Aquilo que poderia ser dado como resposta a Zizek é que Abraão creu. E a sua crença não era de modo algum a esperança em uma vida futura, já que se assim fosse não haveria a mesma dificuldade. Ele tinha fé nessa existência, ele acreditava no absurdo:

[...] vamos imaginar que Isaac tivesse sido em verdade sacrificado. Abraão creu, não que um dia fosse feliz no céu, porém, que seria repleto de alegrias aqui na terra. Deus poderia dar-lhe novamente Isaac, chamar outra vez a existência o filho sacrificado. Creu pelo absurdo, porque todo cálculo humano estava, desde há muito tempo, abandonado⁵.

³ Søren KIERKEGAARD, *Temor e Tremor*, p. 25.

⁴ Slavoj ZIZEK, *A visão em Paralaxe*, p. 145.

⁵ Søren KIERKEGAARD, *Temor e Tremor*, p. 42.

Abraão poderia muito bem ter se oferecido em sacrifício no lugar de seu filho, o que seria um ato heroico, digno de jamais ser esquecido. Porém, ele não tinha dúvidas, carregou tudo sozinho, em silêncio, e levou Isaac para o holocausto na montanha de Moriija. Caso Abraão tivesse duvidado, ou se tivesse hesitado no momento do sacrifício, tudo aquilo por que ele passara seria perdido, tido como uma fuga, e nesse caso não existiria fé e nem mesmo graça de Deus. Mas não houve hesitação, pois Abraão teve fé. Abraão poderia muito bem ter se resignado, sacrificado Isaac em qualquer lugar e a qualquer hora, mas seguiu as ordens de Deus, foi até a montanha, foi além da simples resignação, teve fé:

De outra maneira, ele teria talvez amado a Deus, porém não seria um homem de fé - pois amar a Deus sem a fé é refletir-se no próprio Deus. Este é o cume onde encontra-se Abraão. A última etapa de que ele se afasta é a resignação infinita. Vai mais distante verdadeiramente e chega à fé⁶ [...].

2. A resignação infinita

A partir disto, Kierkegaard fala de Abraão como aquele que fez um salto em direção ao absurdo, que transformou a melancolia da existência em resignação infinita. A resignação infinita é um movimento em direção ao infinito, ela é o estágio que precede a fé: “[...] é pela resignação infinita que, antes de qualquer coisa, tomo consciência de meu valor eterno, e só então pode-se alcançar a existência deste mundo pela fé⁷”. Ou seja, no instante em que o homem se resigna ele está convencido da impossibilidade de que aquilo se realize e, com isso, ele acredita que alcançará o que ama em razão do absurdo, em razão da fé. Slavoj Zizek vê, precisamente, todo esse processo como algo que é, aparentemente, sem sentido:

O que a “resignação infinita” kierkegaardiana nos faz confrontar é o Sentido puro, sentido como tal, reduzido à forma vazia de Sentido que permanece depois de eu renunciar a todo Sentido finito humanamente determinado: o Sentido puro e incondicional só pode aparecer (e tem de aparecer) como sem Sentido. O conteúdo do Sentido puro só pode ser negativo: o vazio, a ausência de Sentido⁸.

Assim, quando um homem se convence da impossibilidade no ponto de vista finito, há, porém, no ponto de vista infinito, a possibilidade que reside no âmago da resignação: “[...] esta posse é, também, uma renúncia sem ser, contudo, por esse motivo um absurdo para a razão, já que esta mantém o direito de afirmar que, no mundo finito onde ela é soberana, a

⁶ Søren KIERKEGAARD, *Temor e Tremor*, p. 43.

⁷ Søren KIERKEGAARD, *Temor e Tremor*, p. 53.

⁸ Slavoj ZIZEK, *A visão em Paralaxe*, p. 120.

coisa é e continua sendo uma impossibilidade⁹". Portanto, esse homem sabe da impossibilidade e sabe que somente o absurdo, que concebe na fé, pode salvá-lo. De tal maneira, a suposição da fé necessita, antes, do reconhecimento sincero da total impossibilidade.

Nesse sentido, Marcio Gimenes de Paula¹⁰ dirá que a fé significa recebimento e não renúncia, a renúncia se dá pela resignação. Pode-se então afirmar que a fé pressupõe a resignação infinita, mas que essa não implica a fé. Kierkegaard afirma que o movimento da resignação infinita está disponível a todos, porém quando se fala de fé entra-se em outra questão.

3. Esfera moral x Paradoxo da fé: a angústia

Para prosseguir com a abordagem à temática da fé a partir do pensamento kierkegaardiano se faz necessário, anteriormente, uma breve introdução àquilo que denominaremos esfera moral. A moralidade, para Kierkegaard, é algo que está no geral, ou seja, que é aplicável a todos. O indivíduo, a partir do momento que faz parte desse geral, deve privar-se, em certa proporção, de sua individualidade a fim de atingir a generalidade. Quando um indivíduo tenta sobrepor sua individualidade diante do geral diz-se que ele comete uma falta moral. A partir disso, pode-se definir a moralidade como a finalidade do homem e, conseqüentemente, a fé se torna um paradoxo, já que nela o indivíduo coloca-se acima do geral. Kierkegaard afirma que:

A fé é exatamente aquele paradoxo conforme o qual o Indivíduo se acha como tal acima do geral, sobre ele inclinado (não em situação de inferior, ao contrário, sendo-lhe superior) e sempre de um modo tal que, diga-se, é o Indivíduo que depois de ter estado como tal subordinado ao geral, consegue ser agora, graças ao geral, o Indivíduo, e assim sendo superior a este; de modo que o Indivíduo como tal acha-se em uma relação absoluta com o absoluto¹¹.

Dessa maneira, pela fé o indivíduo faz um movimento em razão do absurdo, colocando-se como tal acima do geral. No caso de Abraão, por exemplo, ele recebe uma ordem divina para que sacrifique o seu filho Isaac. Ao considerar o fato pela esfera moral, dir-se-á que Abraão deveria amar Isaac. Então, seria possível haver, para Abraão, um dever que

⁹ Søren KIERKEGAARD, *Temor e Tremor*, p. 54.

¹⁰ Marcio Gimenes DE PAULA, *O silêncio de Abraão: Os desafios para a ética em Temor e Tremor de Kierkegaard*, p. 66.

¹¹ Søren KIERKEGAARD, *Temor e Tremor*, p. 63.

se colocasse além desse dever moral? É possível responder essa questão com o comentário feito por Márcio Gimenes de Paula:

Abraão ultrapassa a ética e não pode ser enquadrado dentro dela. Ele vai além daquilo que é o máximo na relação entre homens. Ele vai além da ética, [...]. Sua ação se baseia em outra coisa que não é a ética e nem a legitimação do coletivo social. Sua base é a fé¹².

Para entender um pouco mais dessa situação é preciso supor que Abraão fosse um herói trágico e que, como tal, devesse sacrificar seu filho em nome do bem geral. Certamente, tal gesto seria admirado por todos. De outro modo, pode-se pensar que Abraão devesse castigar Isaac por uma falta que este tivesse cometido contra o geral. Há de se convir que, ainda assim, Abraão seria compreendido por todos. Ora, em ambos os casos os atos de Abraão seriam vistos como uma proeza, mesmo sendo contrários a lei moral, pois conseguiriam, de certo modo, ser acolhidos pelo geral, já que agem em favor deste.

De tal modo, enquanto o herói trágico é alguém que se sacrifica pelo geral, e por isso, pode ser compreendido e até mesmo admirado, Abraão é incompreensível, pois um homem que sobe até um monte para sacrificar seu próprio filho pode muito bem ser um lunático, um perturbado mental, um sonâmbulo, um assassino. Abraão está enclausurado no silêncio e também por isso não pode ser compreendido. A finalidade de Abraão vai muito além da esfera moral, ele não visa o geral, mas, ao contrário, se coloca acima deste. Abraão age totalmente como indivíduo, pois para ele a moral pode ser um obstáculo para concretização da vontade de Deus, já que ele sabe que o sacrifício de Isaac é algo que vai contra a moral, e justamente por isso ele se angustia.

Pode-se entender então porque a fé é o que torna o ato de Abraão difícil: é ela que implica esse confronto com a moral, e esse confronto que gera a angústia. Nesse sentido, como coloca Spica: “Pode ser fácil matar um filho, o difícil é sacrificar um filho¹³”. Márcio Gimenes de Paula, por outro lado, destaca o papel da moral como algo que, em certo sentido, é essencial para a fé no caso de Abraão, já que “[...] a fé se radica justamente no momento em que o geral se faz presente na atitude de Abraão. Ora, é somente no momento em que a esfera

¹² Márcio Gimenes DE PAULA, *O silêncio de Abraão: Os desafios para a ética em Temor e Tremor de Kierkegaard*, p. 56.

¹³ Marciano Adílio SPICA, *Apontamentos sobre religião e realidade a partir de Zizek e Kierkegaard*, p. 61.

moral, caracterizada em Abraão como ‘matar o filho’, se faz presente, é que seu ato ganha o significado que ganhou¹⁴’.

Para Abraão a moral está suspensa, já que ele como indivíduo está se opondo ao geral. Mas está ele autorizado a efetuar tal suspensão? “Se está, eis outra vez o paradoxo, pois não está em razão de uma participação qualquer no geral, porém na sua qualidade de Indivíduo¹⁵”. Além disso, como pode ele saber se está ou não autorizado? Deve-se julgá-lo pelo resultado? E se Isaac tivesse sido sacrificado, algo mudaria? Para responder tais questões Kierkegaard diz que

[...] sente-se curiosidade pelo resultado como se se cuidasse da conclusão de um livro, não se quer conhecer nem um pouco da angústia, do sofrimento ou do paradoxo. Joga-se com o resultado de maneira inesperada, porém não menos fácil que um número premiado na loteria¹⁶.

Ora, ao se falar da glória de Abraão aquilo que se entende com isso é que ele “[...] foi grande porque amou a Deus ao extremo de lhe sacrificar o melhor que possuía¹⁷”, ou seja, o que o torna grande é o sacrifício de Isaac. Mas isso bastaria? Na verdade, o que faz de Abraão um grande homem não é simplesmente o fato de sacrificar o que tinha de mais valioso, mas é o fato de ser o seu filho aquilo que tinha de mais valioso. Assim sendo, Abraão tem com o objeto sacrificado uma obrigação moral. Fosse para Abraão o dinheiro o bem mais valioso, a situação seria outra e o sacrifício também. Considerado pela esfera moral, Abraão é um assassino, como qualquer outro; mas quando acrescentamos a fé, Abraão faz um ato de sacrifício. É do confronto existente entre o dever moral e o dever divino que deriva então sua angústia.

Abraão não é grande pela intenção de matar seu filho, pois se assim fosse: “Dir-se-ia que Abraão alcançou por prescrição o título de grande homem, de tal maneira que, um ato se enobrece quando é praticado por ele e torna-se revoltante quando é praticado por outro¹⁸”. Se se esquece da fé, Abraão torna-se simplesmente um assassino, como qualquer outro: a fé é aquilo que dificulta o sacrifício. Aqui a fé é atirar-se de cabeça no *absurdo*, e é isso o que fez Abraão:

¹⁴ Marcio Gimenes DE PAULA, *O silêncio de Abraão: Os desafios para a ética em Temor e Tremor de Kierkegaard*, p. 62.

¹⁵ Søren KIERKEGAARD, *Temor e Tremor*, p. 70.

¹⁶ Søren KIERKEGAARD, *Temor e Tremor*, p. 71-72.

¹⁷ Søren KIERKEGAARD, *Temor e Tremor*, p. 33.

¹⁸ Søren KIERKEGAARD, *Temor e Tremor*, p. 35.

Durante todo esse período [Abraão] manteve a fé, creu que Deus não desejava exigir-lhe Isaac, estando, contudo, disposto a sacrificá-lo se isso fosse absolutamente preciso. Creu no absurdo porque isso não faz parte do cálculo humano. O absurdo está em que Deus, pedindo-lhe o sacrifício, devia revogar o seu pedido no momento seguinte. Escalou a montanha e no momento em que a faca brilhava, creu que Deus não lhe exigiria Isaac. Então, com segurança, foi surpreendido pelo desenlace, porém já nessa oportunidade recobrou por um movimento duplo o seu primitivo estado, e foi por esse motivo que recebeu Isaac com a mesma alegria que sentira pela primeira vez¹⁹.

Destarte, a ênfase dada por Kierkegaard é muito maior no caminho percorrido por Abraão do que no resultado por ele obtido, já que é nesse caminho que se revela a sua fé, a sua angústia e o seu sofrimento; é ao longo desse caminho que Abraão se faz um grande homem. Outro exemplo utilizado pelo autor é o de Maria, mãe de Jesus, ele nos diz que o que engrandece Maria não é o fato de ter sido escolhida para ser a mãe do Deus-menino, mas toda a tribulação pela qual ela foi submetida nesse tempo, e o fato de ter suportado tudo de maneira grandiosa. Assim, pode-se concluir com Kierkegaard que:

Durante o tempo que antecedeu ao resultado, ou Abraão foi a todo instante um assassino, ou então estamos diante de um paradoxo que foge a todas as mediações. A história de Abraão implica uma suspensão teleológica da moral. Como Indivíduo, foi além do geral, este é o paradoxo que se recusa a mediação. Não se pode explicar como aí entra nem como aí permanece²⁰.

Conclusão

Segundo Kierkegaard, a moral está no geral e, assim sendo, Deus também está. Dessa maneira, ao dizer que é um dever amar a Deus, não é possível dissociar tal afirmação do geral, pelo contrário, amar a Deus significa também a obediência ao geral. Porém, foi dito que o paradoxo da fé consiste no indivíduo que, como tal, coloca-se acima do geral determinando a sua relação com este tendo como referência o absoluto, ou seja, o indivíduo move-se por um dever absoluto para com Deus, que é colocado de tal maneira acima do dever moral. Isso, entretanto, não quer dizer que a moral deva ser abolida dessa relação, já que se isso ocorresse não haveria angústia alguma e tampouco paradoxo. Mas, de certa maneira, a moral é relativizada pelo cavaleiro da fé.

Se se considera a história de Abraão apenas sob um ponto de vista moral, dir-se-á que é um dever dele amar Isaac, já que é um dever do pai amar seu filho. Contudo, no caso de Abraão a moral é relativizada em detrimento de uma relação absoluta com o divino, o que não

¹⁹ Søren KIERKEGAARD, *Temor e Tremor*, p. 42.

²⁰ Søren KIERKEGAARD, *Temor e Tremor*, p. 75.

significa que Abraão não ame Isaac, pelo contrário, é o dever absoluto de Abraão para com Deus que o conduz a realização de algo que seria moralmente inconcebível. A moral nos diria que ele odeia Isaac, contudo, em nenhum momento Abraão deixa de amar seu filho, já que o que faz com que o seu ato seja um sacrifício é justamente o amor que ele sente por Isaac. Mas isso não pode de modo algum ser compreendido pela razão. Kierkegaard afirma que: “A tribulação, porém, e a angústia do paradoxo fazem com que Abraão não possa ser entendido, de modo algum, pelos homens. É apenas no momento em que seu ato está em contradição total com o seu sentimento que ele sacrifica Isaac²¹”.

Abraão está sozinho nesse paradoxo, ninguém pode socorrê-lo. Ele deve carregar tudo isso sozinho, não podendo recorrer a outro para ter certeza daquilo que está fazendo, pois nessa história ele está além do geral.

De uma parte, a fé é a expressão do supremo egoísmo; empreende o aterrorizante, efetua-o por amor a si mesmo; de outra parte é a expressão do mais completo abandono, age por amor de Deus, Não pode adentrar o geral por meio da mediação; pois, desse modo, destrui-lo-ia. A fé é o tal paradoxo, e esse Indivíduo não pode de modo algum fazer-se entender por quem quer que seja²².

O paradoxo da fé é repleto de angústia e tribulação; o cavaleiro da fé sabe o quão bom é permanecer no geral, mas tem consciência de que o seu caminho é solitário e que não pode fazer-se compreender. Para o geral ele será sempre visto como um louco, pois os seus atos em relação ao geral são considerados insanidades. O ato de Abraão é o total *absurdo*, e ele sabe disso, sabe que não pode ser compreendido, sabe que matando seu filho ele estará matando aquilo que mais ama; mas ele crê no absurdo, e crê que pelo absurdo ele tudo recuperará. Porém, esse total paradoxo, é também total angústia, e essa é a tribulação da Abraão.

A partir de tudo o que foi dito, o que realmente pode-se falar de Abraão? É válido destacar a dor, a angústia, o sofrimento paternal que pesaram sobre ele, mas é importante ressaltar acima disso, o fato de que em meio a tudo isso ele creu. Não se deve esquecer que a viagem de Abraão até Moriija demorou quase três dias e meio, e que tal tempo, como sublinha Kierkegaard, foi muito maior do que todos os anos que se passaram até o dia de hoje. Deve-se lembrar que ele poderia a ter dado meia volta a qualquer momento e desistido de tudo. Aquilo

²¹ Søren KIERKEGAARD, *Temor e Tremor*, p. 82.

²² Søren KIERKEGAARD, *Temor e Tremor*, p. 79.

que importa nessa história é o paradoxo da fé, “[...] paradoxo capaz de transformar um crime em ato santo e agradável a Deus, paradoxo que devolve a Abraão seu filho, paradoxo que não pode ser reduzido a qualquer raciocínio, pois a fé principia exatamente onde termina a razão²³”.

Portanto, o que gostaríamos de salientar é que não se pretende enaltecer a fé a partir de juízos de valor, ou colocá-la acima da razão; o que se pretende mostrar é, simplesmente, que a razão não é capaz de abarcar todas as coisas, que essas duas categorias pertencem a âmbitos diferentes. Nesse sentido, é possível entender porque Kierkegaard define a fé como *absurdo*: o *absurdo* não pode enquadrar-se no campo de compreensão da razão, pois ele não é um otimismo ingênuo, ele se coloca além do imprevisível. Desse modo, a fé torna-se um mistério, algo logicamente inexplicável.

Referências:

KIERKEGAARD, Søren. *Temor e Tremor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ZIZEK, Slavoj. *A visão em Paralaxe*. São Paulo: Boitempo, 2008.

DE PAULA, Márcio Gimenes. O silêncio de Abraão: Os desafios para a ética em *Temor e Tremor* de Kierkegaard. *INTERAÇÕES – Cultura e Comunidade*, Minas Gerais, v. 3, n. 4, p. 55-72, 2008.

SPICA, M. A. Apontamentos sobre religião e realidade a partir de Zizek e Kierkegaard. In: *Lacunas do Real: Leituras de Slavoj Zizek*. Florianópolis: Nefipo, 2009.

²³ Søren KIERKEGAARD, *Temor e Tremor*, p. 61.